

ABERTURA

Perfídia é a maldade absoluta, porque envolve não só a hipocrisia de atitudes mas também a mentira despudorada, a mesquinhez de sentimentos, a inveja, a deslealdade e a traição.

Em Abril de 1974 um grupo de homúnculos com antolhos, invejosos, estrangeirados nas ideias e intenções, sem preparação para nada que não fosse assegurar o interesse próprio mesmo que sobre a ruína e destruição do país, levaram à prática a Revolução da Perfídia.

Nestas páginas, que se destinam principalmente aos que nasceram depois dela, analisamos a sua verdadeira génese e recordamos os nomes e os actos hediondos de alguns dos seus actores.

Traído o Programa apresentado a um país ainda crédulo, a Revolução tornou-se um acto fraudulento e inquinado pelo mal. Por isso, tendo-se transformado numa conspiração alucinada, ela teve por objectivo principal entregar o Portugal Ultramarino e suas populações ao domínio da doutrina e do poder marxista. Para a consciência desses revolucionários não importou que isso significasse a morte de milhões de seres humanos e a vergonhosa falsificação da História.

A revolução de 1974 foi mais do que uma traição: constituiu um crime hediondo e os seus mentores deveriam ser julgados por crimes contra a Humanidade.

A tese apresentada demonstra que, perante a incapacidade da subversão armada derrotar as nossas Forças Armadas nos territórios ultramarinos, e ante a perspectiva da nossa vitória quer no campo militar quer no do desenvolvimento, o objectivo dos conspiradores marxistas (únicos que sabiam realmente o que queriam) foi o de desencadear uma revolução suficientemente brutal e traumatizante

GENERAL SILVA CARDOSO

25 DE ABRIL DE 1974
A REVOLUÇÃO DA PERFÍDIA



O autor ao interromper de *motu* próprio as funções de Alto Comissário em Angola a 2 de Agosto de 1975, à chegada a Lisboa, foi recebido pelo Presidente da República com o qual manteve uma longa conversa que se arrastou por cerca de três horas. À saída, uma multidão de jornalistas surpreendeu-o. Não contava com a sua presença. Fixou-os e numa voz firme e explosiva exclamou:

— Trago ainda nos ouvidos os discursos demagógicos em que sistematicamente tudo se faz pelo povo e para o povo quando, no fim..., é o povo que sofre, e o povo que morre. Isto tudo devido a ambições desmedidas, a ambições que não conhecem meios e que sacrificam tudo para atingir os seus fins. Vim expressamente para falar com o Presidente da República, que me confiou aquela que seria talvez a nobre missão de defender a soberania portuguesa naquele território. Missão na qual empenhei todos os esforços, todas as minhas capacidades, missão que me causou grandes desilusões.

Já não acredito nos homens principalmente nos políticos e estou farto da mentira, das falsas promessas e das atitudes de fachada.

Venho cansado da miséria, de ver a miséria, de ver o ódio, de ver o desespero.

Venho cansado do egoísmo, da crueldade e da ambição desmedida.

Estou aqui em Portugal, estou aqui como sempre estive à disposição dos meus superiores hierárquicos para receber ordens, ordens para um militar que sempre fui, para um militar que nunca deixei de ser e que sempre serei.

ISBN 978-989-8022-79-0



9 789898 022790

Para terminar quero deixar claro que não me movem sentimentos de vingança contra o mesquinho vilão protagonista principal deste capítulo. As minhas razões são de outra índole, e têm a ver com valores humanos versus canalhice, com a dádiva aos outros versus pura promoção pessoal. **Mário Soares é responsável por muito choro e ranger de dentes de muitos e muitos milhares de seres humanos; não merece ficar para a história como um homem grande. Pelo contrário, é mister que mais alguém diga o que sabe para que possa ser julgado no tribunal da história e ser sepultado em campa rasa na memória do povo português.**

Quanto à outra sombra negra que perpassa em fundo ao longo destas linhas, Álvaro Cunhal, mais não foi que um títere nas mãos do aparelho comunista internacional. Tentou implantar em Portugal uma ditadura que, quando em vigor, faria de Salazar o maior democrata português do Século XX. Cumpriu os planos do internacionalismo soviético, mas fê-lo com a convicção de que lutava por uma causa e não por interesse ou ânsia de poder pessoal.

Se fosse Deus punha os dois no inferno, mas para Soares guardava a fornalha mais quente.

